

JIMÉNEZ, Juan Ramón. *Platero e eu*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, 296 pp. Edição bilíngue. Tradução de Mónica Stahel. Ilustrações de Javier Zabala.

Rosario Lázaro Igoa

A obra *Platero y yo*, do poeta espanhol Juan Ramón Jiménez, pertence ao universo infantil da América Hispânica tanto como as versões ilustradas de *Don Quijote* ou como as famosas fábulas de Samaniego. As lembranças da rica descrição inicial do pequeno burro, ou a imagem de Platero irrompendo no jantar familiar, por exemplo, são paralelas ao desconhecimento geral da obra, cuja leitura é a maioria das vezes suplantada por resumos, adaptações, recriações e profusas ilustrações. A intenção da editora WMF Martins Fontes com o lançamento de uma nova edição bilíngue de *Platero y yo* no Brasil parece ser a de oferecer uma edição muito cuidada, e com um possível público-leitor não restrito unicamente às crianças. Desta maneira, o *Platero e eu* de 2010 apresenta-se assim desde a contracapa: "Embora *Platero e eu* seja considerado com frequência um livro para crianças, na realidade é um compêndio das vivências poéticas de um adulto extremamente sensível, que não perdeu o contato com a pureza da infância e que exalta a vida acima do sofrimento, das misérias morais, das ruínas de um povoado", procurando posicionar a obra dentro de um lugar diferente no sistema literário-alvo.

Devemos lembrar que no Brasil já haviam sido publicadas outras edições da obra *Platero y yo*. A reconhecida Editora Globo, com a tradução do poeta Athos Damasceno, publicou três edições sucessivas da mesma nos anos 1953, 1960 e 1984. A editora Delta, por sua vez, lançou uma nova edição da obra em 1969, à qual foram acrescentados outros poemas do autor, traduzidos pelo poeta Manuel Bandeira, dentro da "Série Prêmios Nobel de Literatura", treze anos depois de Jiménez receber o Nobel de Literatura. Na edição de 1973 da editora Opera Mundi, encontramos um estudo introdutório de Jean Giono; e em 1987 a Rio Gráfica publicou

uma nova edição. Esta nova tradução da obra, de 2010, resenhada aqui, é sinal de novas leituras deste livro, da necessidade talvez de um novo olhar sobre o mesmo.

Juan Ramón Jiménez (1881-1958) é considerado na Espanha uma figura-chave da lírica do século XX, e esse seu posicionamento parece ter orientado essa nova e cuidadosa tradução de sua obra mais emblemática, *Platero y yo* (1917). Em linhas gerais, *Platero...* trata das anotações que o poeta faz em torno de seu convívio com o burro Platero na província de Huelva, na região de Andaluzia, berço do autor. De forma gradativa, Platero vai assumindo um rol chave na história, já que às vezes é o confidente do protagonista, mas muitas outras vezes é o sujeito da ação, transcendendo a sua existência de simples e mortal burrinho, tal como Jiménez o sugere em numerosas ocasiões ao longo dos 138 breves capítulos que compõem a obra.

Como o poeta introduz em forma de subtítulo, a obra pode ser lida como uma "Elegia andaluza", ou seja, uma obra na qual a tristeza e a saudade de algo que já não está, impregnam o tom dos seus versos. A beleza das descrições da paisagem andaluza, a sensibilidade para dar conta das mudanças da natureza, tudo isso somado à composição do mundo animal, personificado através de Platero, mas também de cachorros, borboletas, touros e tartarugas, fazem um contraponto à saudade mais profunda daquela vida que o poeta já não possui. A obra como uma celebração melancólica da vida através das pinceladas que compõem cada capítulo.

Capa dura, papel de boa qualidade e lindas ilustrações de Javier Zabala, artista espanhol conhecido por seus desenhos em livros infantis, compõem o conjunto da nova edição e tradução, *Platero e eu*. As ilustrações de Zabala merecem um destaque especial, ampliando a leitura de cada capítulo de uma forma muito poética. São desenhos leves, sugestivos, com uma precisa utilização do espaço em branco. Um burro pequeno, estático, levando galhos sobre as suas costas na imensidão de um bosque, um primeiro plano de um homem, triste e severo, e os enormes olhos de Platero; a beleza da solidão em cada uma das ilustrações.

O prólogo da obra é assinado por Pedro Benítez Pérez, diretor do Instituto Cervantes de São Paulo, e doutor em Filosofia e Letras pela Universidad Complutense de Madrid. Com o título "Apresentação à edição brasileira", o prólogo é a única nota paratextual da obra. Assim, em primeiro lugar Pérez realiza uma breve nota biográfica de Juan Ramón Jiménez, enfatizando a importância na sua obra, do convívio com Miguel

de Unamuno e José Ortega y Gasset na juventude, o longo exílio político posterior e seus numerosos êxitos literários. A seguir, Pérez oferece dados da obra, "um canto aos valores humanos, com confiança na redenção", - a edição completa é de 1917, três anos depois da edição inicial de 1914, à qual o poeta acrescentara dois novos capítulos. Sobre os rasgos mais próprios da obra, Pérez destaca o alto vôo lírico, que contrasta com a natureza concreta da paisagem onde acontece a ação; assim como o narrador onisciente na primeira pessoa que, desde o título mesmo, constrói um diálogo direto com o leitor. Além disso, Pérez atribui uma grande influência da arte impressionista à obra de Jiménez, na qual:

A linguagem de *Platero y yo* caracteriza-se por um sensualismo que provém de impressões e episódios íntimos. (...) a visão e a constante alusão ao colorido primam sobre as onomatopéias e as imagens táteis. Pp. XV.

Fechando o texto, encontramos um comentário sobre o sistema ortográfico que Jiménez usou para reproduzir a oralidade andaluz na locução das suas personagens, mas não a razão pela qual decidiram suprimir essa importante marca na tradução. Não há, nesta apresentação, referências à estratégia que guiou a tradução, nem às numerosas edições anteriores da obra em língua portuguesa.

Porém, o maior atrativo da nova edição não são só as suas características materiais. Não menos importante é o fato de que a reconhecida prosa poética de Juan Ramón Jiménez em *Platero y yo* é recriada com justiça e rigor na tradução de Mónica Stahel. Tradutora de autores tão distintos como Fernando Savater, ou Quino de *Mafalda*, além de autoras de vários livros infantis, Stahel realiza uma tradução guiada basicamente pelo respeito semântico, e sintático quando é possível, ao original de Jiménez. Isso é em parte possível pela proximidade do espanhol ao português, mas também pelo trabalho minucioso e atento por parte da tradutora. Ainda que o seu nome não apareça na capa do livro, onde se estabelece que é uma edição bilíngue e onde também aparece o nome do ilustrador, os créditos pela tradução estão na folha de rosto da obra. Também devemos dizer que não há prólogo do tradutor, e poucas notas de rodapé, omissões que podem ser explicadas em função do público ao qual se dirige a obra.

Em relação à tradução em si, acho pertinente fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, tentando manter os rasgos de formalidade do espanhol peninsular, o tratamento do narrador a Platero, originalmente

"tú", é traduzido por "tu" e não por "você", o que determina a precisa conjugação verbal. Outra das características é a supressão das marcas do dialeto andaluz falado, sobretudo nos diálogos dos ciganos. Nesse caso, a riqueza fonética do dialeto desaparece em diálogos como os que se traduzem assim:

"-Tien' asero" (p. 4) **por** "-Ele tem aço"

"-Mi pare tié un reló e plata/ -Y er mío, un cabayo/ -Y er mío, una ejcopeta" (p. 8) **por** "-Meu pai tem um relógio de prata/ -E o meu um cavalo. / -E o meu uma escopeta"

"-iPuej no l'a faltao ná; ni comida, ni agual" (p. 168) **por** "-Pois não lhe faltou nada; nem comida nem água".

"-Zeñorito: ¿ejtá ahí eze médico? (p. 42) **por** "-Moço, o médico está?"

"Mi niiiño se va a dormiii/em graaasia da la Pajtora... (...) ... y pooor dormirse mi niñooo,/se duermece la arruyadoraaa..." (p. 91) **por** "Meu menino vai dormiiir/Por graaaça à Pastoraaaa... (...) ... e porque adormece meu meninooo,/ adormece a arrulhadora..."

Frente a esse problema, a tradutora poderia ter feito alguma escolha que na medida do possível reconstruísse no português essas marcas nos diálogos, de modo que o leitor pudesse diferenciar as falas do narrador e de algumas outras personagens (que empregam espanhol normalizado), daquelas dos ciganos ou de personagens mais pobres, cujas falas aparecem como anotei. Os recursos para fazer isso poderiam provir de algum dialeto do português, ou de algum sistema que ela mesma inventasse e que transmitisse o ritmo ágil e pleno de referências à cultura moura que o dialeto andaluz tem. Claro que isso seria uma escolha que conferiria visibilidade à tradutora, e que também a exporia a maiores chances de não ser exitosa na sua proposta.

No que se refere às notas de rodapé da tradutora, faço outras observações: Juan Ramón Jiménez oferece uma narração com inúmeras referências, de obras e autores de todos os tempos. Porém, na estratégia de tradução das citações que o narrador deliberadamente faz, não há um tratamento uniforme. Enquanto na página 159 a tradutora deixa o original de Leopardi, e oferece uma "tradução livre" de rodapé, e na página 181 traduz um verso de Shakespeare também a modo de rodapé, ela adota

uma estratégia distinta nas outras referências intertextuais que o narrador propõe. Por exemplo, na página 33 não traduz como nota de rodapé o "Soneto 4" de Shakespeare, que guia em definitivo a narração; e também não traduz na página 99 o soneto "Sur la mort de Marie", de Ronsard. Outro exemplo que mostra a falta de uniformidade no tratamento das referências literárias é a tradução de um romance popular em forma de citação no início da página 53, sem nenhuma indicação de que se trata de tradução, decisão talvez guiada pela autoria anônima de muitos romances; de qualquer forma, é uma decisão que não deixa de chamar atenção numa leitura crítica.

Em relação à tradução da prosa poética de Jiménez, podemos dizer que a tradutora é bem sucedida na maioria dos capítulos. Mesmo assim, existem algumas passagens onde há um tratamento ambíguo, sobretudo se tivermos em conta uma certa, e muito sutil, alteração do profuso uso de vírgulas do autor, assim como uma tendência a ordenar narrativamente as orações compostas. Seguem alguns exemplos sobre o uso das vírgulas:

"(...) y en el azul limpio que encuadra el muro astroso, suena, dejada y dulce, una campana" (p. 30) **por** "(...) e no azul límpido que encuadra o muro gasto soa, indolente e doce, um sino"

"Todo lo que en poniente había sido cristal de oro, era luego cristal de plata, una alegoría, lisa y luminosa, de azucenas de cristal" (p. 46) **por** "Tudo o que no poente havia sido cristal de ouro tornara-se cristal de prata, alegoria pura e luminosa de açucenas de cristal."

Em relação à ordem das orações:

"Ahora las campanas dicen, Platero, que el velo del altar mayor se ha roto" (p. 18) **por** "Agora, Platero, os sinos dizem que o véu do altar-mor se rompeu".

"La chiquilla, pelos toda, pinta en la pared, con cisco, alegorías obscenas" (p. 68) **por** "A menina, toda cabeluda, pinta com carvão alegorias obscenas na parede".

Opera ao mesmo tempo uma tendência a normalizar a linguagem mais poética de Jiménez, como segue:

"... Quedó el potro, hecho caballo, **blando**, sudoroso, extenuado y triste" (p. 32) por "... Ficou o potro, feito cavalo, **manso**, suado, extenuado e triste".

"en un **redondo aullido** agudo" (p. 56) por "com um **uivo claro** e agudo".

No segundo exemplo, como parte dessa normalização do tom mais lírico da prosa poética da obra, vemos como a tradutora altera a ordem de adjetivo + substantivo, própria do registro lírico hispano-americano, e também português, trasladando então o adjetivo a continuação dos substantivos em numerosas ocasiões. Por outro lado, é inevitavelmente confuso o tratamento dos numerosos signos de exclamação que Jiménez utiliza na sua prosa, tendo em conta que o português prescinde do primeiro signo que em espanhol delimita o início do trecho da oração a destacar, e que os pronomes interrogativos não são acentuados como no espanhol. Assim:

"No le queda ni muela ni diente y casi sólo come migajón de pan, que ablanda primero en la mano. Hace una bola, iy a la boca roja!" (p. 84) **por** "Não lhe restam molares nem dentes e quase só come miolo de pão, que antes ele amassa com a mão. Faz uma bola e manda para a boca!"

No exemplo citado, é visível que na tradução se perde o sentido de surpresa resultante de colocar os pontos de exclamação após a vírgula; seria esse o sentido da ação que Darbón, o médico de Platero, realiza quando come: faz uma bola de pão, e só depois a manda para sua boca, movimento que se dilui na tradução (efeito para o qual a anulação da vírgula na versão em português também não contribui).

¡Qué locura, qué embriaguez, qué gloria! (p. 224) **por** "Que loucura, que embriaguez, que glória!"

De qualquer maneira, e além dessas considerações sobre a tradução - que poderiam ser discutíveis no contexto do "projeto de tradução" da obra -, a nova edição de *Platero y yo* publicada no Brasil é realizada com muito cuidado e rigor, e consegue transmitir a história de amizade entre o protagonista e Platero para leitores brasileiros de todas as idades.